

INFORMATIVO CONJUNTURAL

ABRIL/2026



Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais

Governador: Romeu Zema Neto

Secretário de Estado: Thales Almeida Pereira Fernandes

Secretário de Estado Adjunto: João Ricardo Albanez

Subsecretário de Política e Economia Agropecuária: Gilson de Assis Sales

Superintendente de Inovação e Economia Agropecuária: Feliciano Nogueira de Oliveira

Colaboradores: Amanda Bianchi, Bruno Sebastyan, Elias Barbosa, Gabriela Lenti, Maíra Ferman e Manoela Oliveira

SUMÁRIO

1. O que é o Informativo Conjuntural?	01
2. Exportações do Agro	02
3. Safra Agrícola de Grãos	04
4. Valor Bruto da Produção	07
5. Crédito Rural	10
6. Artigo Técnico- Mercado de carbono no agro brasileiro: da promessa à operacionalização	13

>>> INFORMATIVO <<<

INFORMATIVO CONJUNTURAL



O QUE É O INFORMATIVO CONJUNTURAL?

O Informativo Conjuntural é um boletim informativo mensal, que descreve o comportamento atual da produção e de condições de mercado de vários produtos agropecuários, como: algodão, arroz, café, feijão, milho, soja, boi, leite, ovos, peixe e suíno. Além disso, apresenta informações sobre as exportações do agronegócio mineiro, o crédito rural aplicado no estado, o Valor Bruto da Produção agropecuária e artigos técnico-conjunturais que trazem temas relevantes correlacionados à economia, gestão e inovação no agronegócio.

Dessa forma, o informativo, elaborado mensalmente pela equipe da Superintendência de Inovação e Economia Agropecuária vinculada à Subsecretaria de Política e Economia Agropecuária da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, tem como objetivo manter o produtor e todos os interessados e envolvidos no agronegócio mineiro municiados de informações conjunturais e atualizados sobre o contexto e a importância do agronegócio para a sócio economia do estado.

AGRONEGÓCIO DE MINAS GERAIS NO COMÉRCIO EXTERIOR

1º trimestre de 2026

Por Manoela Oliveira

SIEA/SEAPA

Fonte: MDIC. Análise: Siea/Seapa

No primeiro trimestre de 2026, o agronegócio de Minas Gerais exportou US\$ 3,93 bilhões e 2,84 milhões de toneladas, respondendo por 38,5% das exportações totais do estado. Mesmo com retração de 13,6% em valor e de 11,2% em volume frente ao mesmo período de 2025, o setor manteve-se como principal base da pauta exportadora mineira. O resultado do trimestre refletiu, sobretudo, a combinação entre oferta, preços internacionais e composição da pauta embarcada.

O **café** e seus derivados seguiram como principal grupo exportado, com US\$ 2,36 bilhões e 321,9 mil toneladas, equivalentes a 60% da receita do agro estadual. Na comparação anual, houve queda de 18,5% em valor e de 31,5% em volume, mas o aumento de 18,9% no valor médio exportado ajudou a amenizar o impacto da menor oferta sobre a receita. Dada a elevada participação do café na pauta estadual, o desempenho desse grupo teve efeito decisivo sobre o resultado agregado do trimestre.

Na sequência, o **complexo soja** respondeu por US\$ 510,4 milhões e 1,22 milhão de toneladas, o equivalente a 13% da receita do agronegócio mineiro. Embora tenha recuado 11,2% em valor e 16,7% em volume frente ao primeiro trimestre de 2025, o grupo apresentou mudança importante em sua composição interna: enquanto a soja em grão perdeu espaço, o farelo e o óleo avançaram, indicando maior participação relativa de derivados com algum nível de processamento.

Entre os principais movimentos do trimestre, merecem destaque:

- o avanço das carnes, com US\$ 419 milhões e crescimento de 8,7% em valor;
- a relativa estabilidade dos produtos florestais, com US\$ 240,7 milhões;

o aumento do volume exportado pelo complexo sucroalcooleiro, ainda que com recuo de receita, sinalizando preços médios menos favoráveis.

As **carnes**, em especial, foram o principal destaque positivo do período. O grupo exportou 117,6 mil toneladas, com crescimento de 2% em volume, sustentado por avanços da carne bovina, da carne de frango e, sobretudo, da carne suína. Em um trimestre de retração agregada do agro mineiro, as proteínas animais contribuíram para reduzir a intensidade da queda do resultado total.

No recorte geográfico, o agro mineiro alcançou 155 mercados compradores no primeiro trimestre de 2026. A China permaneceu como principal destino, com US\$ 713,1 milhões, seguida por Estados Unidos, Alemanha, Itália e Japão. Juntos, os cinco principais destinos concentraram 50,5% do valor exportado. Ainda assim, a comparação com o mesmo período de 2025 mostra mudanças importantes na distribuição geográfica das vendas, com retração em alguns mercados tradicionais e ampliação da participação de outros compradores.

Nesse contexto, chamam atenção os seguintes movimentos:

- retração das exportações para China, Estados Unidos, Alemanha e Japão;
- avanço da participação de mercados como Itália, Índia, Taiwan, Tailândia, Filipinas e Suíça;
- ampliação da relevância do Oriente Médio na pauta exportadora mineira.

O Oriente Médio, aliás, foi um dos recortes mais relevantes do trimestre. Considerando o conjunto de países da região, as exportações do agro mineiro somaram US\$ 356,1 milhões, elevando sua participação de 7,1% para 9,1% do total exportado. No bloco do Golfo, os embarques passaram de US\$ 87,4 milhões para US\$ 125,5 milhões, com aumento de participação de 1,9% para 3,2%. Esse movimento sugere maior densidade comercial da pauta mineira em mercados que vêm ampliando espaço nas exportações do estado.

Além dos grandes grupos, o trimestre também evidenciou a presença de Minas Gerais em nichos agroindustriais e em produtos de maior valor agregado. O estado liderou as exportações brasileiras de milho para sementeira, mel natural, batatas preparadas ou conservadas, leites concentrados adocicados e doce de leite. Embora esses itens tenham participação menor no valor total exportado, eles revelam uma dimensão estratégica da pauta mineira: a capacidade de combinar commodities tradicionais com produtos especializados, processados e associados à identidade agroindustrial do estado.

Entre esses nichos, destacam-se:

- milho para sementeira, com foco em Equador, Venezuela e Paraguai;
- mel natural, com presença relevante em Estados Unidos, Alemanha e Canadá;
- batatas preparadas, destinadas sobretudo a Uruguai, México e Paraguai;
- leites concentrados adocicados, com embarques para Trinidad e Tobago, Venezuela e Paraguai;
- doce de leite, com vendas principalmente para Estados Unidos, Venezuela e Emirados Árabes Unidos.

PRINCIPAIS DESTINOS DO AGRONEGÓCIO



CHINA (US\$ 713,1 MILHÕES)



EUA (US\$ 387,8 MILHÕES)



ALEMANHA (US\$ 384,1 MILHÕES)



ITÁLIA (US\$ 307,8 MILHÕES)



JAPÃO (US\$ 193,8 MILHÕES)

SAFRA AGRÍCOLA DE GRÃOS

Por Amanda Bianchi

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Conab

Divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o 7º Levantamento da Safra de Grãos 2025/2026 prevê aumento na produção de grãos no estado em relação à safra anterior. A estimativa de aumento é de 3,0%, resultando em uma produção total de grãos da ordem de 19,0 milhões de toneladas em uma área de 4,4 milhões de hectares (+2,0) e com produtividade de 4.326 kg/há (1,0%).

De acordo com o Boletim na Região Sudeste, as chuvas foram superiores a 120 mm em grande parte da região, mantendo os níveis de umidade do solo elevados. Estas condições vêm favorecendo o manejo e o desenvolvimento dos cultivos de segunda safra.

Milho e soja são os principais grãos produzidos no estado, sendo que juntos correspondem por 85% nesta safra, cerca de 16,2 milhões de toneladas.

Grãos

No atual levantamento, para o estado, apresentam estimativa de crescimento para esta safra, algodão, amendoim, feijão, milho, sorgo e trigo.

As lavouras de algodão, de maneira geral, apresentam bom desenvolvimento no estado. Apesar das chuvas constantes e volumosas nos últimos meses, não foram observados danos significativos até o momento, tendo em vista que a cultura ainda se encontrava em transição do estágio vegetativo para o reprodutivo. Atualmente, a maior parte das lavouras já apresenta botões florais formados e início da formação de maçãs. Caso o cenário climático permaneça chuvoso, há risco de impactos, uma vez que, nessa fase, o potencial produtivo passa a ser definido. Em relação à área, observa-se redução na estimativa cultivada em relação à safra anterior, uma vez que parte dos produtores não conseguiu realizar a colheita da soja dentro da janela ideal, optando pela desistência do plantio do algodão. Por outro lado, o aumento da participação das áreas irrigadas em relação às de sequeiro eleva a expectativa de produtividade da cultura.

**Conab aponta
crescimento de
3,0% na
produção de
grãos na safra
2025/26**



As lavouras irrigadas de **arroz** do Sul de Minas se encontram em boas condições, com as lavouras mais tardias ainda em fase de enchimento de grãos. Já para a parte mais adiantada, já houve o início da colheita. No norte e leste do estado, as áreas de arroz de sequeiro e de várzeas úmidas também se encontram em boas condições. Boa parte dessas lavouras estão ainda em fase de enchimento de grãos devido ao plantio mais atrasado, ocasionado pelo atraso da regularização das chuvas e, conseqüentemente, da elevação dos níveis de água dos córregos e do lençol freático das baixadas. A colheita nessas regiões ainda é praticamente incipiente. Não houve confirmação de plantio nas áreas de arroz irrigado do noroeste do estado, devido aos preços atuais de mercado pouco atrativos.

A colheita do **feijão 1ª safra** está praticamente finalizada, restando apenas pequenos talhões de lavouras mais tardias que devem ser concluídos nos próximos dias. O ciclo foi considerado promissor, com bom desenvolvimento das lavouras e clima favorável à cultura na maior parte do tempo. Os senões ficaram por conta do excesso de chuvas durante a fase de maturação e colheita, que acabaram por reduzir a qualidade de alguns lotes de grãos, com maior presença de grãos manchados, ardidos ou germinados. Soma-se a isso, a grande pressão por mosca-branca, principalmente na região noroeste do estado, que tem sido recorrente nos últimos anos e que tem limitado o potencial produtivo da cultura. Ainda assim, o resultado final deve ser ligeiramente superior ao visualizado na temporada 2024/25.

Embora haja atraso na semeadura do **feijão 2ª safra**, principalmente por conta do prolongamento na colheita de algumas graníferas de primeira safra, como milho e soja, o plantio tem acontecido e se beneficiado das boas condições pluviométricas e também da alta recente nos preços do feijão, algo que estimula os produtores a optar pelo cultivo, mesmo com uma janela de semeadura mais apertada. Pouco mais de 60% da área prevista havia sido semeada até o final de março, e a expectativa é que essa destinação total seja superior à temporada 2024/25, justificando esse aumento de área principalmente em razão dos preços mais elevados registrados nas últimas semanas. As condições gerais das lavouras já implantadas são boas, favorecidas pelo regime pluviométrico do último mês.

A colheita do **milho 1ª safra** foi iniciada no estado, porém ainda se concentra sobre as áreas irrigadas, que foram semeadas primeiro. A maior parte das lavouras se encontram em fase de maturação, com os produtores ainda aguardando a perda de umidade dos grãos em campo para realizarem a colheita. No entanto, o clima chuvoso tem postergado essa possibilidade. As lavouras que vêm sendo colhidas têm apresentado grãos com elevada umidade. Mesmo com o ataque de doenças fúngicas ao final do ciclo, o potencial produtivo das lavouras não foi comprometido. De maneira geral, a produtividade está satisfatória, e a estimativa é que a produtividade nesta safra seja 12,2% maior que a obtida na safra passada.

Devido ao atraso da colheita da soja, foi registrado nesta safra, de **milho 2ª safra**, um menor percentual de lavouras semeadas ainda dentro da janela ideal de plantio. O plantio até o levantamento atingiu 84% da área estimada e foi registrado uma redução na área cultivada de 6,8% em relação à safra passada. Mesmo com as temperaturas mais amenas, o cenário é de pressão de cigarrinha sobre as lavouras desde esse início de ciclo. Também registra-se que parte das lavouras encontra-se amarelecida devido ao tempo nublado, o que tem proporcionado baixa taxa fotossintética.

Conforme já foi relatado em fevereiro, as chuvas constantes continuaram dificultando as operações de colheita da **soja**, de maneira que à época do levantamento apenas 64% da área estava colhida, contra 86% no mesmo período de 2025 em Minas Gerais. Refletindo essa situação, muitos produtores estão sofrendo deságio devido à elevada percentagem de grãos ardidos, o que reduz ainda mais a margem. Para tentar captar uma melhor janela de plantio das culturas de segunda safra, foi notado que parte da soja tem saído do campo com umidade mais elevada, o que impacta os custos do produtor e diminui o ritmo de descarga nos armazéns.

Uma vez que a descarga foi mais lenta, não foi raro a operação de campo parar por falta de caminhões. Nas principais regiões produtoras do estado, observou-se que a soja chegou em ponto de colheita de uma vez, e os elevados volumes de chuva agravaram a questão logística da colheita, o que tem aumentado as perdas. Mesmo assim, as estimativas de produtividade superam as iniciais.

As lavouras de **amendoim** já se encontram em fase de colheita. Em que pese as boas condições climáticas ao final de dezembro, que permitiram uma boa recuperação das lavouras, a continuidade destas, com chuvas de volumes elevados e dias nublados, acabaram comprometendo as lavouras na fase de enchimento de grãos. Parte do amendoim já colhido e já beneficiado, registra uma queda de produtividade em relação à expectativa inicial. No entanto, boa parte do amendoim já foi arrancado, mas ainda permanece no campo sendo manejado para uma maior perda de umidade.

A grande maioria das lavouras de **sorgo** foi semeada a partir de março, ou seja, estão no início do desenvolvimento vegetativo e apresentam boas condições. Sem pressões fitossanitárias até o momento, segue-se com um potencial produtivo praticamente constante.

Minas Gerais – Safra 2025/26						
PRODUTO	ÁREA (Em mil ha)		PRODUTIVIDADE		PRODUÇÃO (Em mil t)	
	Safra 25/26	VAR. %	Safra 25/26	VAR. %	Safra 25/26	VAR. %
ALGODÃO - CAROÇO (1)	42,2	↓ -6,4	2.699	↑ 10,2	113,8	↑ 3,1
ALGODÃO - PLUMA	42,2	↓ -6,4	1.930	↑ 10,2	81,5	↑ 3,2
AMENDOIM TOTAL	16,3	↑ 12,4	3.586	↓ -0,1	58,5	↑ 12,5
ARROZ	4,7	↓ -78,8	3.698	↓ -6,0	17,4	↓ -80,1
<i>Arroz sequeiro</i>	2,4	↓ -14,3	2.210	↑ 58,1	5,3	↑ 35,9
<i>Arroz irrigado</i>	2,3	↓ -88,1	5.250	↑ 22,1	12,1	↓ -85,5
FEIJÃO TOTAL	296,6	↑ 3,5	1.685	↑ 4,4	499,8	↑ 8,0
<i>FEIJÃO 1ª SAFRA</i>	129,9	↑ 1,2	1.623	↑ 1,6	210,8	↑ 2,7
<i>FEIJÃO 2ª SAFRA</i>	109,8	↑ 8,5	1.466	↓ 0,0	160,9	↑ 8,5
<i>FEIJÃO 3ª SAFRA</i>	56,9	↓ -0,4	2.250	↑ 17,5	128,0	↑ 17,1
GIRASSOL	5,5	○ 0,0	1.800	○ 0,0	9,9	○ 0,0
MILHO TOTAL	1.097,9	↑ 1,3	6.417	↑ 5,5	7.045,2	↑ 6,9
<i>Milho 1ª Safra</i>	664,8	↑ 7,4	6.972	↑ 12,2	4.635,0	↑ 20,5
<i>Milho 2ª Safra</i>	433,1	↓ -6,8	5.565	↓ -5,7	2.410,2	↓ -12,2
SOJA	2.342,4	↑ 1,1	3.910	↓ -1,4	9.158,8	↓ -0,3
SORGO	418,8	↑ 12,5	3.897	↓ -2,3	1.632,1	↑ 9,9
TRIGO	158,8	↑ 5,1	2.678	↓ -4,5	425,3	↑ 0,4
MINAS GERAIS (2)	4.383,2	↑ 2,0	4.326	↑ 1,0	18.960,8	↑ 3,0

Elaboração: SIEA/SEAPA-MG / Estimativa de abril/ 2026

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

Por Amanda Bianchi

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Banco Central do Brasil

Fonte: MAPA; Cepea; Conseleite; Conab.

VBP de Minas Gerais prevê alcançar R\$ 167,4 bilhões em 2026

O Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária mineira está com estimativa de alcançar R\$ 167,4 bilhões em 2026. A projeção, feita com dados de março, aponta redução de 1,1% em relação ao ano passado.

O indicador é calculado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP).

Agricultura

As lavouras representam 69% do faturamento total do VBP mineiro. Em 2026, há previsão de aumento de 2,3%, com a receita alcançando R\$ 115,8 bilhões. Está estimada a alta para as culturas do café (+8,9%), do feijão (+41,0%) e da uva (+23,9%). Esses três produtos sozinhos correspondem por 58% do faturamento total das lavouras.

Principais produtos da agrícolas

Café Total	R\$ 64,2 bilhões
Soja	R\$ 16,9 bilhões
Cana-de-açúcar	R\$ 13,4 bilhões
Milho	R\$ 7,6 bilhões
Banana	R\$ 3,3 bilhões

O **café** ocupa a liderança no segmento agrícola, contribuindo com 38% do VBP agropecuário e com o valor de R\$ 64,2 bilhões (+8,9%), o maior da série histórica. No geral, as instabilidades geopolíticas ao redor do mundo exerceram influência positiva sobre as cotações da variedade. O conflito no Oriente Médio entre Estados Unidos e Irã, com o fechamento do Estreito de Ormuz, trouxe preocupações quanto ao trânsito de café da Ásia para os mercados consumidores da Europa e dos Estados Unidos, além de ter encarecido o frete marítimo, principal meio de transporte do produto. Apesar de o conflito ter gerado impactos diretos nos preços do café, a principal preocupação do setor nacional neste momento está relacionada aos custos de produção – O óleo diesel subiu 24,4% em março em Minas Gerais, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo) (Cepea).





A **soja**, que ocupa o segundo lugar no segmento agrícola, registrando um VBP de R\$ 16,9 bilhões (-10,3%). Segundo o Cepea, os preços do óleo de soja registraram expressivas altas nos mercados nacional e internacional em março. A valorização esteve associada principalmente ao aumento das tensões no Oriente Médio, com novos ataques próximos ao Estreito de Ormuz – uma das principais rotas do petróleo mundial. Esse cenário elevou as preocupações quanto ao fluxo dessa commodity e sustentou as cotações de produtos energéticos.



O VBP da **cana-de-açúcar** é de R\$ 13,4 bilhões (1,4% inferior ao VBP de 2025). De acordo com o Cepea, o Indicador CEPEA/ESALQ do açúcar cristal encerrou em alta, impulsionado pela combinação de oferta mais restrita – típica do período de entressafra – e da retomada do apetite comprador. E o movimento de baixa do etanol já vinha sendo observado no mês anterior, refletindo, sobretudo, o enfraquecimento da demanda e os ajustes típicos de final de safra em parte das unidades produtoras.



O VBP do **milho** está previsto para alcançar R\$ 7,6 bilhões, redução de 1,1%. Os preços do milho avançaram ao longo de março, impulsionados pela restrita disponibilidade do cereal no mercado spot brasileiro. Vale destacar que a oferta esteve limitada mesmo com a colheita da safra de verão já em andamento e diante de estoques de passagem confortáveis. Produtores priorizaram as atividades de campo no decorrer do mês (como a semeadura da segunda safra de milho), em detrimento de novas negociações. Além disso, agentes estiveram concentrados nas entregas de soja (Cepea).

Outros produtos agrícolas, além da soja (-10,3%) e da cana (-1,4%), apresentam queda nesta estimativa: milho (-1,1%), banana (-1,8%), batata-inglesa (-3,6%), tomate (-4,3%), laranja (-39,6%), algodão (-8,2%), trigo (-21,6%), amendoim (-8,1%), mandioca (-25,2%) e arroz (-36,4%).

Pecuária

A receita da pecuária estima alcançar R\$ 51,6 bilhões em 2026, com queda de 7,9%. Há previsão de aumento de 8,6% para bovinos, registrando R\$ 20,1 bilhões. Os demais produtos apresentam queda na estimativa de março: leite (-20,1%), frango (-10,0%), suínos (-15,0%) e ovos (-11,2%).

Principais produtos da pecuária

Bovinos	R\$ 19,3 bilhões
Leite	R\$ 14,2 bilhões
Frango	R\$ 7,6 bilhões
Suínos	R\$ 6,8 bilhões
Ovos	R\$ 2,1 bilhões



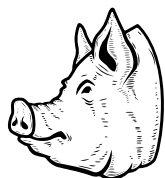
A **carne bovina** ocupa a liderança no segmento da pecuária, com participação de 39% no total do VBP da pecuária. **O faturamento bruto pode chegar a R\$ 20,1 bilhões em 2026, o maior valor registrado, com aumento de 8,6% em relação ao ano anterior.** Mesmo em meio às incertezas e aos impactos do atual conflito no Oriente Médio sobre o mercado brasileiro, o setor pecuário nacional se mostrou firme ao longo de março. Os preços da arroba do boi gordo iniciaram o mês bastante firmes, mantendo os patamares praticados em fevereiro, sustentados pela baixa oferta de animais prontos para abate e pela demanda externa aquecida (Cepea).



O **leite**, de acordo com o Mapa, ocupa o segundo lugar no VBP da pecuária mineira, com participação de 28%. Em 2026, a previsão é de R\$ 14,2 bilhões, queda de 21,2% em relação ao ano anterior. O setor ainda sofre com a pressão negativa sobre a base produtiva., o que tem impactado no VBP do leite.



O VBP de frango prevê queda de 10,0%, alcançando R\$ 7,6 bilhões em 2026. O VBP de ovos também registra uma queda, de 11,2%, chegando a R\$ 2,5 bilhões. O primeiro trimestre de 2026 foi marcado por uma intensa queda nos preços do setor avícola nacional. No entanto, o período foi encerrado com expectativas de recuperação. Essa inversão repentina de tendência está atrelada às influências dos conflitos no Oriente Médio sobre o setor nacional. Já o cenário baixista de preços ao longo de janeiro, fevereiro e março esteve atrelado, principalmente, ao descompasso entre a oferta e a demanda interna (Cepea).



A carne suína está com previsão de redução de 15,0%, alcançando uma receita de R\$ 6,8 bilhões. Os preços do setor suinícola nacional estiveram enfraquecidos ao longo de março. Esse cenário esteve atrelado sobretudo à baixa demanda, intensificada pelo período da Quaresma. Além disso, especulações quanto ao atual cenário geopolítico também influenciaram o mercado nacional no mês, à medida que limitaram a liquidez – as oscilações do dólar e a forte valorização do petróleo geraram incertezas e afastaram parte dos agentes da comercialização (Cepea).



CRÉDITO RURAL

Por Bruno Sebastyan

SIEA/SUPEA/SEAPA

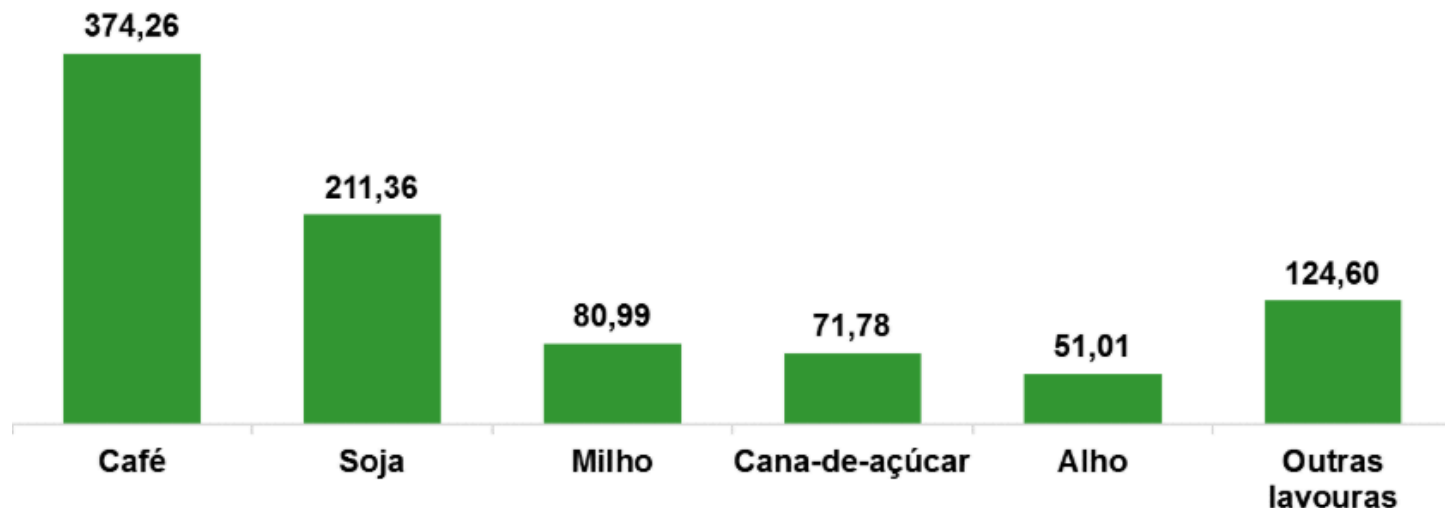
Fonte: Banco Central do Brasil

No período de **julho/2025 a março/2026**, o crédito rural em Minas Gerais totalizou 209.076 contratos, frente a 195.754 operações registradas em **julho/2024 a março/2025**, representando um aumento de aproximadamente 7%. A participação do estado no total de contratos em nível nacional atingiu 11,46%, indicando manutenção de elevada representatividade no acesso ao crédito rural.

No segmento agrícola, os dados de março de 2026 evidenciam concentração dos recursos de custeio em culturas de maior relevância econômica. O café respondeu por 41% dos valores contratados, totalizando R\$ 374,26 milhões. Na sequência, a soja apresentou participação de 23% (R\$ 211,36 milhões) e o milho também 23% (R\$ 80,99 milhões), demonstrando consistência na demanda por financiamento das principais cadeias produtivas do estado.

Custeio para as Lavouras (2025/26) - março/26

Valor (milhões)



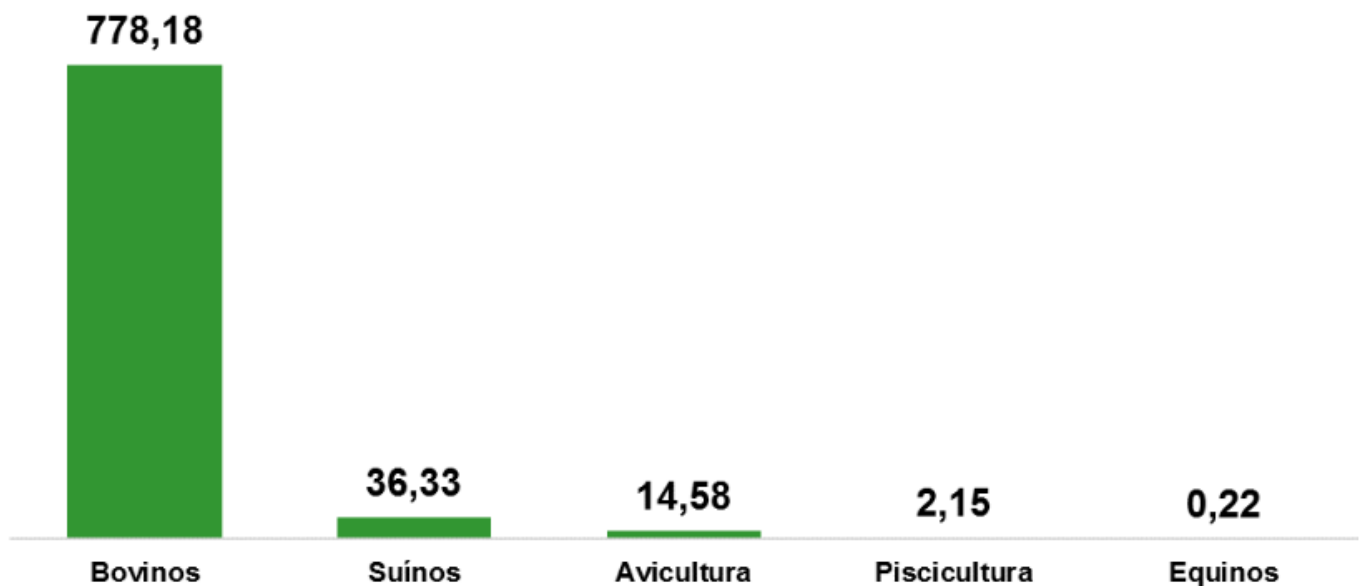
Em relação às modalidades de crédito, os contratos de investimento registraram aumento de 22% no período de julho/2025 a março/2026 em comparação com julho/2024 a março/2025, indicando expansão das operações voltadas à aquisição de máquinas, equipamentos e melhorias estruturais. Os contratos destinados à industrialização apresentaram crescimento de 13% no mesmo intervalo, sinalizando avanço na utilização de instrumentos voltados à agregação de valor. Por outro lado, os contratos de comercialização registraram redução de 37%, mantendo tendência de menor participação relativa dessa modalidade no período analisado.

Finalidade	Atividade	Nº Contratos (25/26)	Variação % – safra (25/26)/(23/24)	Valor (bilhões R\$) (25/26)	Variação % – safra (25/26)/(23/24)
Custeio	Agrícola	43.996	-5,9	12,95	-10,2
	Pecuária	37.333	-11,5	8,35	-13,6
	Total	81.329	-8,6	21,31	-11,6
Investimento	Agrícola	61.136	21,4	5,34	-17,9
	Pecuária	64.151	21,8	2,83	-18,4
	Total	125.287	21,6	8,17	-18,1
Comercialização	Agrícola	2.162	-38,9	3,98	-34,6
	Pecuária	120	30,4	0,43	293,8
	Total	2.282	-37,1	4,41	-28,8
Industrialização	Agrícola	132	25,7	2,05	39,2
	Pecuária	46	-13,2	0,70	18,9
	Total	178	12,7	2,75	33,4

Na pecuária, considerando os dados de março de 2026 para contratos de custeio, a bovinocultura totalizou R\$ 778,18 milhões, seguida pela suinocultura, com R\$ 36,33 milhões, e pela avicultura, com R\$ 14,58 milhões, mantendo a concentração dos recursos nas principais atividades pecuárias do estado.

Custeio para a Pecuária (2025/26) - fevereiro/26

Valor (milhões)





No âmbito das linhas do PRONAF, o volume total contratado em Minas Gerais, considerando custeio, investimento, comercialização e industrialização, alcançou R\$ 5,81 bilhões no período de julho/2025 a março/2026, indicando continuidade na utilização dos instrumentos de crédito direcionado à agricultura familiar.



MERCADO DE CARBONO NO AGRO BRASILEIRO: DA PROMESSA À OPERACIONALIZAÇÃO

Por Maira Ferman

SIEA/SEAPA

O mercado de carbono tem se consolidado como um dos principais instrumentos econômicos da transição para uma economia de baixo carbono. Mas, na prática, o que isso representa para o agro brasileiro?

Trata-se da transformação de reduções ou remoções de emissões de gases de efeito estufa em ativos financeiros negociáveis. Em outras palavras, práticas produtivas passam a gerar não apenas alimentos, mas também valor econômico associado ao carbono.



Quais práticas podem gerar créditos de carbono no agro?

Entre as principais, destacam-se a recuperação de pastagens degradadas, os sistemas de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), o plantio direto e os sistemas agroflorestais. Essas práticas aumentam o estoque de carbono no solo e na biomassa, desde que seja possível mensurar e validar esse ganho.

Mas, na prática, como um produtor gera e vende crédito de carbono?

O processo, de forma simplificada, segue algumas etapas:

1. Diagnóstico inicial: definição da linha de base da propriedade, com estimativa do estoque de carbono ou das emissões.
2. Mudança de manejo: adoção de práticas que aumentam o sequestro de carbono ou reduzem emissões, como a recuperação de pastagens degradadas.
3. Monitoramento, mensuração e verificação (MRV): coleta e análise de dados ao longo do tempo, com uso de amostragens de solo, sensoriamento remoto e modelos técnicos.
4. Certificação: validação dos resultados por entidade independente e conversão do ganho em créditos de carbono.
5. Comercialização: venda dos créditos a empresas interessadas em compensar emissões, no mercado voluntário ou, futuramente, regulado.

Exemplo prático:

Um produtor que recupera uma área de pastagem degradada pode aumentar significativamente o carbono armazenado no solo. Após a validação por metodologia reconhecida, esse ganho pode ser convertido em crédito-



tos de carbono. Esses créditos são então comercializados, gerando uma nova fonte de receita vinculada diretamente à melhoria do sistema produtivo.

Se o potencial é alto, por que o mercado ainda não deslançou plenamente?

O principal desafio é técnico. A mensuração do carbono no solo ainda envolve custos elevados e metodologias complexas. Além disso, é necessário com

-provar a adicionalidade — isto é, garantir que a captura de carbono decorre de mudanças efetivas no sistema produtivo.

Outro entrave relevante está na estrutura do próprio mercado. Ainda há fragmentação de metodologias, baixa padronização e incertezas quanto à formação de preços, o que dificulta a previsibilidade econômica dos projetos

Quem consegue acessar esse mercado hoje?

Predominantemente, projetos estruturados com capacidade técnica para atender às exigências de MRV. A escala é fator determinante, já que iniciativas isoladas tendem a apresentar menor viabilidade econômica.

Há, ainda, desafios relacionados à integridade e à credibilidade dos créditos, o que reforça a necessidade de maior rigor metodológico e governança.

O que está mudando agora?

O mercado avança para uma fase mais madura, com maior estruturação regulatória e uso crescente de tecnologias que conectam produtores a empresas interessadas em compensar emissões. Também surgem modelos que remuneram a geração de serviços ambientais, ampliando as fontes de renda no campo.

O mercado de carbono é tendência ou realidade?

A resposta é: ambos. Já é uma realidade em expansão, mas ainda em processo de consolidação técnica e institucional.

Mais do que uma agenda ambiental, o mercado de carbono passa a integrar a lógica econômica do agro. A capacidade de mensurar, certificar e comercializar carbono tende a se tornar um diferencial competitivo, influenciando decisões produtivas, acesso a mercados e estratégias de longo prazo.